

Da filosofia da diferença à reflexão sobre as multiplicidades para pensar o método em Comunicação

Nísia Martins do Rosário

Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
nisiamartins@gmail.com

Lisiane Machado Aguiar

Doutoranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
lisiaguiar@gmail.com

Resumo: O objetivo central da proposta é desenvolver uma abordagem sobre pontos de vista acerca da ciência, do método e das metodologias em Comunicação que se construam sobre uma perspectiva das multiplicidades. A partir de uma visão que perpassa a filosofia e a sociologia, considerando apropriações e adequações de conhecimentos transdisciplinares, o debate visa a se organizar na comunicação por um pensamento crítico, considerando igualmente o compromisso social da pesquisa. Assim, as tratativas do artigo se configuram sobre o debate acerca do conceito e do uso do método na inter-relação com as reflexões desenvolvidas por pensadores pós-estruturalistas, bem como busca versar sobre procedimentos metodológicos decorrentes desse viés.

Palavras-chave: Multiplicidades. Metodologia. Método. Comunicação.

1 Introdução

A paisagem que tem se apresentado no campo da pesquisa científica, de modo geral, mostra uma predominância de perspectivas modelares, com caminhos prontos e protegidos pelo saber hegemônico. Nós, investigadores, por vezes, nos perdemos da natureza da pesquisa e nos embrenhamos na burocracia do discurso, da economia, da política, enquanto deveríamos ser desbravadores. O que a modernidade tornou visível em alguns momentos é certa estagnação: repetições de objetos, de problemas, de metodologias e de resultados de pesquisa.

Outros aspectos paradigmáticos da ciência também têm consolidado o seu conceito e os seus usos, tais como a exclusividade da razão, a rigidez do método, a

verdade única, a construção de metanarrativas e a separação entre sujeito e objeto. Os tensionamentos que têm feito a ciência se movimentar nas últimas décadas buscam, contudo, superar essa epistemologia a partir de diferentes perspectivas, de algumas atualizações e outras tantas rupturas.

Assim, é possível afirmar que as trajetórias do campo da comunicação vieram apontando não apenas para os modos mais tradicionais e hegemônicos de fazer pesquisa, mas também para outras potencialidades teórico-metodológicas capazes de trabalhar com a diferença. Essa perspectiva exige, sem dúvida, certo desprendimento e aceitação do risco. No entanto, quem transita pela diversidade (todos nós) e quer compreendê-la precisa estar aberto a ritmos outros, a percursos novos, a tensionamentos e ao caos que é próprio da pesquisa. São vários os pensadores que desenvolvem sua reflexão sobre essa perspectiva e que contribuem para o tensionamento teórico-metodológico. Entre eles: Henri Bergson, Gaston Bachelard, Charles Mills, Paul Feyerabend, Michel de Certeau, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Immanuel Wallerstein, Edgar Morin, Pierre Bourdieu, Martín-Barbero, Boaventura de Souza Santos. A partir destes pensadores contemporâneos, alguns parâmetros já legitimados pela ciência moderna, como a noção de método, passam a ser questionados.

Para tanto, serão trazidos ao debate autores que operam sobre a perspectiva da multiplicidade¹. Ao que parece, essa abordagem se mostra relevante porque as teorias e metodologias da Comunicação se apresentam com aberturas a questionamentos e atualizações. Afinal, esse é um traço que se faz necessário em um campo que se dispõe a entender a ciência na sua conexão com a contemporaneidade e com o movimento, além de estar atrelado a constantes atravessamentos das tecnologias. Tais relações, contudo, só se tornam positivas quando relacionadas à configuração de uma dimensão científica na sua forma mais inerente: a busca e a troca de saberes, bem como a evolução do pensamento.

Nesse sentido, será abordada, no artigo, primeiramente, uma perspectiva do campo da comunicação sobre a multiplicidade pelas reflexões de Martín-Barbero (2006, 2004). Na segunda parte, perspectivas de outros campos sobre multiplicidades. Os autores que melhor nos ajudam a compreender esses

movimentos são Feyerabend (2007) e Bourdieu (1983). A terceira parte, intitulada a filosofia, o movimento e as multiplicidades, se fundamenta, sobretudo, em Bergson (2006a, 2006b). Na última parte, rizoma, cartografia e multiplicidade, o enfoque se dá pela via de Deleuze e Guattari (2004). A tentativa é apresentar um olhar que desponta no campo da comunicação em sua aproximação com uma ciência que Boaventura de Souza Santos (1989) chamaria de pós-moderna.

2 Uma perspectiva do campo da Comunicação sobre a multiplicidade

Martín-Barbero (2004) diz concordar com Zygmunt Bauman sobre a pesquisa ser um ato de violência e, portanto, pode-se inferir que ela exige operações sobre desterritorializações, transformações e transversalidades. Para este autor, cabe ao comunicador, portanto, assumir seu papel intelectual em conexão com as contradições que atravessam as práticas. Um dos pressupostos dessa reflexão se coaduna com o entendimento de Martín-Barbero (2004) sobre os modelos de trabalhos acadêmicos: dependência, apropriação, invenção.

Vale relembrar tais modelos². O primeiro deles, o da dependência, nos encaminha para os modismos e as repetições em pesquisa. O segundo, das apropriações, leva a abrir as concepções e os modelos a questões não previstas, e, nessa via, as teorias funcionam mais como conjunto de ferramentas conceituais do que como princípios. Já o terceiro modelo, o das invenções, requer que se abordem especificidades da Comunicação e se criem categorias para pensá-las. Considerando esses modelos, é fácil entender que uma perspectiva que busque o método e a metodologia pela via das multiplicidades (que serão explicitadas mais adiante) pode atravessar o das apropriações, mas tem mais espaço de realização na invenção.

As reflexões do autor nos permitem desdobrar e avançar sobre algumas das perspectivas de configuração do campo da comunicação. Um delas é o caráter movediço, deslizante, desterritorializante e reterritorializante que o atravessa. Apesar de Martín-Barbero valorizar abordagens da ordem dos contextos, dos usos sociais e dos modos de apropriação que abarcam o campo, não se pode desconsiderar os modos de produção, produto, circulação e as técnicas que estruturam a comunicação.

É positiva a forma como o autor propõe a entrada na investigação em comunicação, que vai além das tradicionais – produção, produto e recepção – e considera as possibilidades de atravessamentos e transversalidades.

Assim, a construção do objeto de pesquisa da comunicação exige ruptura com o saber imediato, descontinuidade com o pensamento científico, transformações de conceitos e novos dispositivos de racionalidade. Por outras palavras, viver rupturas epistemológicas, conceituais (teóricas) e operacionais (metodológicas).

Desta forma, cada problema/objeto constitui especificidades que só poderão ser contempladas se houver abertura para uma configuração metodológica diversificada. O objeto empírico, portanto, não está dado, ele é resultado da teoria e das concepções metodológicas que são criados e desenvolvidos em sintonia. Desta forma, é importante reafirmar que não há preexistência de dois termos que se inter-relacionam, mas que são imanentes. Essa elaboração exige do pesquisador explorar e experimentar formas diversificadas de realizar pesquisa.

O caráter multi, pluri, trans, interdisciplinar está presente desde a formação do campo da comunicação (WALLERSTEIN *et al.*, 1996), primeiramente, quando, dentro das ciências sociais, lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, depois, vivenciando uma transformação das práticas culturais comunicacionais contemporâneas. Essa mudança cultural na sociedade – como aponta Martín-Barbero (2006) – ocorre quando a mediação tecnológica comunicacional deixa de ser apenas instrumental para converter-se em experimental, ou seja, a tecnologia introduz mais do que novos aparelhos, ela produz um “[...] novo modo de relação entre os processos simbólicos.” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). Nesse sentido, a dimensão simbólica vai sendo constantemente reconfigurada e, cada vez mais, vai instalando modos de vida “multimídia”, que, igualmente, demandam métodos de configuração múltipla. Essa característica permite perceber que cada problemática de investigação requer um processo repleto de especificidades, no qual as complexidades do objeto de estudo solicitam construções metodológicas próprias.

Outros autores do campo da comunicação, com certeza, poderiam contribuir com um pensamento de multiplicidades teórico-metodológicas; no entanto, neste momento, ficaremos com a perspectiva trazida, principalmente, por Martín-Barbero.

3 Perspectivas de outros campos sobre multiplicidades

Os autores abordados nesta seção, da mesma maneira que Martín-Barbero na seção anterior, contribuem no sentido de estimular rupturas com a forma de pensar e compreender a ciência e, por consequência, de pensar sobre conceituação e construção do método e da metodologia. Alguns aspectos da abordagem a seguir já foram desenvolvidos em Rosário (2008, 2011) e Aguiar (2011).

Em uma via paralela à de Martín-Barbero, em que a ciência é considerada um ato de violência, Feyerabend (2007) a considera um procedimento anárquico. O autor parte de dois pontos de vista que fazem refletir sobre o papel da ciência. Por um lado, segundo o autor, a ciência pode ficar de pé sem a ajuda de racionalistas e humanistas, mas ela precisa ser protegida das ideologias. Por outro, a sociedade e o pensamento não científico precisam ser protegidos das imposições da ciência. Essa reflexão resulta do entendimento de que há linhas de poder buscando se impor em ambos os espaços. Apesar das abordagens um tanto radicais de Feyerabend, ele consegue levantar aspectos relevantes para desconstruir alguns paradigmas estabelecidos pelas ciências modernas e, ao mesmo tempo, fazer encaminhamentos para um pensamento mais aberto. Para ele, não há soluções gerais, nem estruturas comuns na ciência. Assim, os procedimentos empregados no passado podem não funcionar no futuro, e as descobertas não podem ser explicadas da mesma maneira. Entende-se erroneamente que a uniformidade de processos leva ao sucesso da pesquisa porque se desconsideram as especificidades de cada objeto de pesquisa. Por um olhar mais resistente, a ciência precisa de uma imagem congelada e consolidada para que possa exercer poder sobre outros campos.

Além de questionar a ciência, Feyerabend também examina os processos metodológicos, interrogando se as regras criadas por pesquisadores podem mesmo servir como modelo. Ele propõe metodologias pluralistas, comparação entre teorias e aperfeiçoamento de concepções. Nessa via, o cientista torna forte a posição fraca e, desse modo, ajuda a sustentar o movimento do todo.

Se, para Popper (1985), a investigação científica inicia com um problema e

avança resolvendo-o, para Feyerabend (2007, p. 401) “essa caracterização não leva em conta que os problemas podem ser erradamente formulados, que se pode investigar acerca de propriedades de coisas e processos que visões posteriores declararão não existentes [...]”, ou seja, problemas dessa ordem não são resolvidos, mas dissolvidos do domínio de uma investigação.

Assim, o método utilizado em uma pesquisa é, sem dúvida, o alicerce de um trabalho, pois, sem ele, não existe investigação e se torna mais difícil ao pesquisador responder aos seus problemas. Contudo, Feyerabend (2007) afirma que o problema não está na visualização de uma possível resposta, desde o início de sua formulação, pois o que torna uma pesquisa rica são os percursos plurais que o pesquisador realiza no processo de investigação.

Se Feyerabend é contra o método e se propõe a rupturas, Bourdieu (1983) faz uma imersão profunda no campo científico para desvendar as relações de poder que lá se estabelecem e que impedem a relevância efetiva da ciência. Nasce aí inevitáveis relações de força e disputas por espaços, visibilidade e reconhecimento. Nessa conjuntura, o autor entende que tornar o método científico aceito e reconhecido, consolidando-o como lei, demanda esforços no sentido de inscrevê-lo nos mecanismos que regulam o funcionamento do campo. Aqueles que obtêm sucesso nessa empreitada podem controlar e dominar os que utilizam tal método. “A ciência jamais teve outro fundamento senão o da crença coletiva em seus fundamentos, que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe.”, afirma Bourdieu (1983, p. 145).

As colocações do autor nos ajudam a entender que, sem dúvida, há uma luta entre os investigadores por uma acumulação de capital científico, uma vez que a estrutura do campo científico³ propõe relações de força entre protagonistas e estratégias de conservação e de subversão das estruturas.

Para Bourdieu, a ruptura científica pode se dar pela revolução contra a instituição e pela revolução contra a ordem estabelecida. O campo, afinal, é o lugar da revolução permanente, está cada vez mais desprovida de efeitos políticos. É relevante considerar, entretanto, que o lugar da revolução permanente pode ser também o lugar do dogmatismo permanente.

A ordem coletiva da ciência se elabora na e pela anarquia concorrencial das ações interessadas, cada agente encontrando-se dominado pelo entrecruzamento aparentemente incoerente de suas estratégias individuais. (BOURDIEU, 1983, p. 147).

O que se pode perceber das colocações do autor é que esses tensionamentos, por um lado, podem produzir controle e censura, mas, por outro, também invenção e ruptura.

Podemos refletir igualmente sobre a concepção de campo através da proposição de “plano de imanência” oferecidas por Deleuze e Guattari (2012, 1997). Na obra deles são inúmeras as definições de plano de imanência, mas em *O Que é Filosofia?* (1997), encontra-se uma via relevante. Resumidamente, plano de imanência pode ser compreendido como uma tomada de decisão (corte no caos), mas que não exclui as infinitas dimensões que existe em um dado objeto, ou seja, composto de multiplicidades.

Assumindo o campo como uma imanência e não uma essência, ou seja, buscando a diferença não como uma coisa positiva ou negativa, mas uma diferença sem modelos, em processo, em movimento. De acordo com Deleuze e Guattari (1997) o plano de imanência, que corresponde a filosofia é um corte no caos e age como um crivo, contudo o grande problema é

adquirir uma consistência sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha [...] Dar consistência sem nada perder do infinito é muito diferente do problema da ciência, que procura dar referência ao caos, sob a condição de renunciar ao caos, sob a condição de renunciar aos movimentos e velocidades infinitos, e de operar, desde o início, uma limitação de velocidade: o que é primeiro na ciência é a luz ou horizonte relativo. A filosofia, ao contrário, procede supondo ou instaurando o plano de imanência: é ele cujas curvaturas variáveis conservam os movimentos infinitos que retornam sobre si na troca incessante, mas também não cessam de liberar outras que se conservam. (p. 59-60).

A ciência passa a ser pensada por um prisma filosófico que se religa com a vida cotidiana, ou como nos fala Deleuze: “[...] vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos

sujeitos e nos objetos.” (DELEUZE, 2012).

O plano de imanência nos oferece uma nova maneira de pensar, de viver e de realizar uma pesquisa em um campo não apenas como uma contemplação e comunicação de algo instituído, mas a criação e a reflexão que se faz no acontecer, no processo, operando por singularidades. Dessa forma, criar é ter a possibilidade de poder explicar o que os universais não explicam por já serem legitimados.

4 A Filosofia, o movimento e as multiplicidades

Quando se trata de pensar por um viés mais específico o movimento e as multiplicidades, é preciso chamar à discussão autores como Bergson, Deleuze e Guattari. O primeiro deles é um filósofo do início do século XX que traz contribuições para se pensar a comunicação e seus processos teórico-metodológicos em uma perspectiva que se desalinha com o imobilismo.

Bergson propôs uma epistemologia que levasse em conta a imanência do movimento nos fenômenos tratados. Assim, ele traz ao debate o conceito de “duração”, que, para a comunicação, poderá desencadear a configuração de um pensamento dos fluxos e do tempo qualitativo. Suas considerações se desenvolvem sobre o questionamento da maneira como o tempo é tratado pela ciência e pela filosofia, ou seja, predomina o ponto de vista da espacialização do tempo por influência até mesmo da língua: “[...] nossa inteligência, que procura por toda parte a fixidez, supõe *post factum* que o movimento aplicou-se sobre esse espaço.” (BERGSON, 2006a, p. 8-9). Em outras palavras, o tempo quantitativo e, portanto, o tempo cronológico a que estamos acostumados são uma espacialização do tempo.

Para o autor, noutra via, o tempo (qualitativo e, portanto, não cronológico) é mobilidade, vivência, continuidade. Ou seja, é um tempo não especializado, que não pode ser contado pelo relógio; é a própria mudança e, portanto, duração. Por isso, a duração é fluxo. Nela haveria “[...] criação perpétua de possibilidade e não apenas realidade [...]” (BERGSON, 2006a, p.15), um caminho para a virtualidade. Para ele, a essência não é o que permanece, mas o que muda constantemente.

A partir da perspectiva bergsoniana, pode-se fazer uma reflexão sobre como

a ciência repele a mobilidade, porque ligada a modelos, moldes, e reparte até partes infinitamente pequenas, opera sobre pontos fixos, isto é, a inteligência busca a fixidez. A duração é desconsiderada porque a ciência busca a mensuração. Para Bergson (2006b, p. 20), “a explicação satisfatória é aquela que adere a seu objeto: nenhum vazio entre eles.”.

A percepção também é uma noção que permeia a obra do filósofo. Ela se liga à memória e constitui-se como passado, uma vez que, ao percebermos um objeto, paramos o fluxo contínuo da duração, apreendendo-o no passado. “Na prática, percebemos apenas o passado, sendo que o presente puro é inapreensível.” (BERGSON, 2006a, p. 90). Assim, na percepção do objeto, nós o tiramos da duração, congelando-o e, por consequência, o espacializamos; contudo, esse é um processo necessário – retirar o objeto do fluxo – que permite o seu estudo. “Perceber é imobilizar.” (BERGSON, 2006a, p. 88). Dessa forma, a ciência tem o papel de prever, ela retém do mundo material aquilo que é possível de repetir-se e de calcular, ou seja, retém do mundo aquilo que não dura. Deleuze (2004, p. 27) explica a duração como algo que vai além da experiência vivida, “[...] é também experiência ampliada, e mesmo ultrapassada.”. Nessa via, a duração se conecta com a virtualidade e esta com a subjetividade, enquanto o que se entende como objetivo se atrela à matéria e à atualização.

A partir dessas explicitações, é possível dar-se conta de que, mesmo em se tratando de pesquisa qualitativa, há uma tendência constituída para que se criem conceitos estanques e definitivos, bem como metodologias modelares. Bergson, inclusive, problematiza a noção de conceito como cristalização, como significado único que não acompanha o movimento fluido da realidade:

Quando por exigência pragmática da inteligência, o símbolo cristaliza-se em conceito, fixa-se num único significado e, por conseguinte, não pode acompanhar o movimento fluido da realidade; desta maneira, a inteligência não pode conhecer a sua real essência: o movimento. (BERGSON, 2006b, p. 25).

Assim, a amplitude do conceito equivale a sua limitação, porque realça um ou outro aspecto aplicáveis a vários objetos. Para Bergson, o conceito é originário

da comparação entre muitos e, portanto, se alarga indefinidamente. Ele tem por característica ultrapassar a singularidade do objeto, e se, por outro lado, é posto como comum a todos os objetos equivalentes ou sob a mesma representação simbólica, torna-se vasto demais.

Por fim, Bergson ainda vem contribuir com uma reflexão acerca dos problemas de pesquisa que se considera relevante apresentar aqui. Para ele, a intuição é uma forma de alcançar a verdade; contudo, o termo intuição não pode ser entendido como o fazemos pelo senso comum. Intuição tem relação estreita com o conceito de duração e refere-se a um conhecimento imediato e a um saber não mediado, um ato de conhecer que se dá de forma direta que não é a inteligência, mas que está em conexão com ela. Na inteligência, o sujeito rodeia os objetos e conhece, pela exterioridade de vários pontos de vista sobre o objeto, através de representação. A inteligência, portanto, é um saber relativo porque depende do ponto de vista assumido pelo sujeito frente ao objeto. Assim, busca a fixidez, supõe que o movimento foi aplicado sobre o espaço da recomposição artificial feito pelo empírico.

A intuição, por sua vez, é a interiorização, a possibilidade de o sujeito adentrar o objeto (e não o rodear), que se constitui num conhecimento intrínseco. Ela pressupõe um método elaborado que está inter-relacionado à duração e à multiplicidade qualitativa da duração, ou seja, pontos de vistas múltiplos e irreduzíveis. Pela intuição, têm-se vislumbres que permitem linhas de articulação que vão até a experiência, em uma série indefinida de atos. Se intuição é perceber a duração, ela é também a combinação de múltiplos no um.

Com o método da intuição, constroem-se problemas pela descoberta da diferença. “O problema tem sempre a solução que merece em função da maneira pela qual é colocado.” (BERGSON, 2006a, p. 16). Usar a intuição, portanto, é alcançar um nível em que se invertem os sentidos da operação do pensamento habitual e, ao mesmo tempo, reconstroem-se constantemente os significados. Para isso, é preciso violentar-se e só assim criar problemas autênticos, sendo que a solução destes é encontrada na descoberta de múltiplas linhas que definem probabilidades qualitativas, linhas que convergem para um ponto ideal.

Pode-se, então, começar a entender a noção que cerca o termo multiplicidades.

A multiplicidade é indistinta e mesmo indivisa, puramente intensiva ou qualitativa, que, ao mesmo tempo em que permanecendo o que ela é, compreenderá um número indefinidamente crescente de elementos à medida que forem aparecendo no mundo os novos pontos de vista a partir dos quais se pode considerá-la. Decerto, não se trata de renunciar a lógica, nem de se insurgir contra ela. Mas é preciso alargá-la, flexibilizá-la, adaptá-la a uma duração na qual a novidade jorra incessantemente e na qual a evolução é criadora. (BERGSON, 2006b, p. 18).

Logo, podemos perceber que, de acordo com Bergson (2006a, p. 32), “[...] pensar intuitivamente é pensar em duração [...]”, ou seja, as questões geradas entre o sujeito e o objeto na sua diferença e, depois, na sua união devem ser colocadas mais em função do tempo do que do espaço. É importante pensar que o sujeito está em constante alteração, mas é através da intuição que se torna possível encontrar suas diferenças, que não são duas coisas, mas duas tendências na mesma coisa. É um misto dividido em duas tendências que diferem por natureza. Portanto, só há diferenças de natureza na duração.

Desse modo, para pensar atualização, é impossível não pensar em virtualidade. A virtualidade é o que se diferencia de si ao atualizar-se, ou seja, quando percebemos algo de forma atual é em função da sua outra dimensão virtual que se modificou. Esse movimento de passagem do misto (atual e virtual) é o que Bergson desenvolve como duração.

5 Rizoma, cartografia e multiplicidades

Deleuze e Guattari (2004) desenvolvem uma reflexão complexa acerca das multiplicidades e, nessa via, operam com uma terminologia particular. Sua grande contribuição para a ciência, o método e a metodologia, além da teoria das multiplicidades, talvez seja o fato de que eles refutavam o uso de termos como método no seu pensamento, ao que parece evitando o uso de palavras conotadas e engessadas que interferissem em uma reflexão mais complexa. De qualquer forma, uma vez em circulação, esse pensamento acabou sendo apropriado – de diversas formas.

As multiplicidades, aliás, são entendidas como unidade subtraída da multiplicidade, a unidade que faz brotar o múltiplo. Por esses caminhos se consegue atravessar os dualismos e as binariedades que constituem o pensamento e a pesquisa moderna. Para Deleuze e Guattari (2004, p. 8), as multiplicidades são a realidade e, nesse sentido, “não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito”; contudo, os processos que produzem as multiplicidades fazem aparecer as subjetivações, as totalizações, as unificações. Segundo os autores, as multiplicidades têm os seguintes princípios concernentes a seus elementos:

Singularidades: a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são heceidades (quer dizer individualizações sem sujeitos); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; e seu modelo de realização é o rizoma [...]; a seu plano de constituição, que constitui platôs (zonas de intensidades contínuas); aos vetores que as atravessam e constituem territórios e graus de desterritorialização. (DELEUZE ; GUATTARI, 2004, p. 8).

Pode-se entender que o modelo de realização das multiplicidades é o *rizoma*, e este pode ser mais bem entendido na perspectiva da vida e da existência. Em geral, entende-se que tal perspectiva se compõe de linhas retas e contínuas, de estabilidade e equilíbrio. A vida e a existência, contudo, estão bem mais próximas do rizoma, já que se compõem de segmentariedades, diversidades, estratos, imprevistos, linhas de fuga, territorializações, desterritorializações, bem como de trajetos em várias direções que podem se atravessar, se cruzar, se interligar e se aglomerar⁴.

Talvez a melhor maneira de visualizar o conceito abstrato do rizoma seja mediante a representação das sinapses entre os neurônios – isso é um rizoma –, ou, então, das raízes da grama que não têm início, fim ou centro. O rizoma é uma mescla de tramas que se combinam, se misturam, se embaralham, se juntam e se afastam. É a trama da vida e a trama da pesquisa. Afinal, o trajeto feito pelo pesquisador traz em si um pouco disso que chamamos de caos, ou um pouco dessas tramas e embaralhamentos – o que acontece é que os mitos da ciência têm imposto à apresentação da pesquisa o ocultamento das linhas de fuga, dos ajustes, dos retornos.

Deleuze e Guattari (2004) explicitam os traços constitutivos do rizoma cotejando-o com o sistema arborescente. Este, como árvore-raiz, liga-se a uma unidade principal – o tronco. Assim, constitui-se sobre lógicas binárias e, portanto, realiza-se no pensamento clássico. Já o rizoma não tem centro – tem meio, tem entre – nem hierarquias, tampouco memória organizada. Ele se qualifica pela multiplicidade configurada não como unidade, mas como dimensão que oferece *direções moveáveis*.

Além da multiplicidade, é próprio do rizoma e, por conseguinte, da cartografia, a dinamicidade e a evolução constante. Desse modo, tem uma memória curta ou, como denominam seus articuladores, é uma *antimemória*. A heterogeneidade também se faz presente, permite diversidade de conexões entre as linhas do rizoma, bem como admite cadeias semióticas de naturezas distintas que estabelecem contato com múltiplos modos de codificação. Tal procedimento, obviamente, opera sobre rupturas; portanto, é relevante entendê-las:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem num linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter umas às outras. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 18).

O rizoma também tem seus princípios conforme os autores. São eles: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante e cartografia. Este último princípio tem sido usado por pesquisadores brasileiros, principalmente das áreas da educação, da psicologia, da sociologia e da comunicação como procedimento metodológico ou como método de pesquisa. A cartografia funciona como uma espécie de mapa dinâmico. Toda essa exposição não serve exclusivamente para contextualizar que a cartografia de Deleuze e Guattari deixou de ser pensada apenas como um dos princípios do rizoma – dentro da *filosofia da multiplicidade* – para atualizar-se também como um método. Serve, igualmente, para esclarecer que aceitá-la como um método depende da posição que é tomada sobre sua própria definição. E, ainda, faz repensar a noção de método, pois essas abordagens

desestabilizam o conceito positivista de método (AGUIAR, 2011).

Desse modo, o mapa/rizoma a ser elaborado para relatar o observado não pode ser concebido como transferência, decalque ou reprodução estanque e sem movimento. Deve, isso sim, ser compreendido na sua complexidade e dinamicidade, que são reflexos do próprio objeto. O processo cartográfico herda da topologia o exercício da observação e da descrição detalhada, permitindo indicar linhas e formas, fluxos e movimentos, bem como amplitudes e intensidade no desenho do mapa. O rizoma tenta reverter a ideia de modelo e desenhar um mapa que não para de se construir e de se emaranhar.

No desenho desse mapa, deve-se compartilhar o ponto de vista de Deleuze e Guattari (2004) de que, por estar conectado com o real, ele é imprevisível, tem sua própria ordem e, nessa via, sua estrutura não pode ser calculada antecipadamente, nem aplicada a modelos sem que se corra o risco de só confirmar hipóteses.

Assim, é possível notar o grau de complexidade da cartografia e, nessa perspectiva, ela pouco se assemelha ao que já foi feito e ao que tem sido feito na pesquisa em comunicação. Alguns investigadores desse campo, como Walter Benjamin (2006)⁵, Jesús Martín-Barbero (2004)⁶, Nestor Garcia Canclini (2000)⁷ e Massimo Canevacci (1997)⁸ já se embrenharam na aventura da cartografia e foram exitosos. Todavia, esse procedimento depara-se, a todo o momento, com certa resistência. Afinal, a cartografia propõe uma ruptura com as tradições metodológicas. O que se percebe como positivo no uso da cartografia, até o momento, é que ela se apresenta como método ou como procedimento que não segue um modelo pronto, ela vai se fazendo na conexão com o objeto de pesquisa.

As relações entre multiplicidades, rizoma e cartografia permitem chegar a elementos relevantes para compreender a composição do mapa; consente, também, alcançar as diversidades que compõem o trajeto do investigador, como: o minoritário, o menos visível, as variações de intensidades e de amplitudes, os *resíduos* – conforme definido por Benjamin (2006). Os resíduos têm função importante e deve-se fazer-lhes justiça utilizando-os.

Deleuze e Guattari (2004), no volume 3 de *Mil Platôs*, explicitam mais a questão das segmentaridades, afirmando que elas estão presentes em nossas vidas,

sobretudo a partir de segmentaridades duras e segmentaridades flexíveis. Enquanto a primeira é binária, vale por si mesma, a segunda resulta em multiplicidades com n dimensões. A partir delas, é possível entender as linhas do rizoma e, por consequência, as linhas que se formam na composição de uma cartografia. O rizoma, portanto, se compõe de linhas e de seus movimentos. Os autores organizam-nas de quatro maneiras: duras, abstratas, flexíveis e de fuga. Respectivamente, pode-se entendê-las como as que funcionam por dualidades (duras), em movimentos horizontais e verticais, e que, portanto, reproduzem relações de hierarquia; as que são mais abstratas, permitindo a interpenetração de fluxos e forças; as que realizam pequenas transformações na sua movimentação (flexíveis); e as que têm conexões imprevisíveis (de fuga), operando sobre o desejo e a criação, revelando sua importância para apoiarem as rupturas necessárias à trajetória. Essas linhas vão se configurar das mais diversas formas nos mapas de uma investigação, conjugando-se com platôs (pontos de intensidade), territorializações e desterritorializações.

Uma reflexão em favor da cartografia deve considerá-la como procedimento novo para pensar a comunicação e que rompe com muitos dos paradigmas mais arraigados da ciência. Por vezes, ela pode ser considerada como um procedimento sem rigor ou sem consistência. Contudo, não é assim que ela se configura. A cartografia não é apenas um desenho do objeto, ela vai muito além disso. Justamente pelo viés qualitativo e pela conexão atenta ao objeto, busca o discernimento de aspectos e de processos que comumente não são apreendidos por um olhar previamente direcionado. Ela propõe a dissolução dos caminhos e dos sentidos codificados. Por outras palavras, a cartografia busca desconstruir os discursos de verdade estabelecidos, tensionando linhas de força, capturando o novo, buscando a alteridade e o que é negado ou está escondido. Dessa forma, ela desacomoda a pesquisa que determina os objetos, modela os métodos e direciona os sujeitos.

A cartografia pode ser entendida como um trilhar metodológico que visa a construir um mapa (nunca acabado) do objeto de estudo, a partir do olhar atento e das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares, que serão cruzadas com a memória do mesmo investigador. O primeiro passo é adentrar nas tramas do objeto. Todavia, as entradas e as saídas são múltiplas. Isto é, da

mesma forma que se pode entrar em uma cidade por diversas ruas, pode-se igualmente dar início à cartografia a partir de vários pontos ou caminhos. É preciso escolher. E essa opção vai depender exclusivamente do cartógrafo. Contudo, se as entradas são múltiplas, na trama tudo se mistura; um ponto remete a outro, não importando mais o ponto de acesso.

Um dos obstáculos que se faz visível no cartografar, quando este é trazido à comunicação, é o da composição do mapa, já que ele não é apenas uma cópia, um decalque ou uma reprodução. Além disso, não há um modelo a ser seguido e aplicado na sua construção, tampouco um roteiro com os passos a serem dados.

Assim, a cartografia precisa contar com a invenção, já que ela impele o pesquisador a criar a sua própria forma de fazer pesquisa; conduz à elaboração de um roteiro particular que contemple as especificidades do objeto; arrasta o investigador por diversas perspectivas do objeto: amplitudes, intensidades, extensões, tensões, fluxos e proporções. A experiência e a sensibilidade do cartógrafo vão ajudar nas definições; contudo, tendo em vista justamente as imprevisibilidades do processo, alguns critérios e metas devem ser planejados e usados. De qualquer forma, esse é um processo particular que não perde a conexão com a cientificidade, tampouco com o rigor, mas que ajuda a libertar a pesquisa da rigidez que a aprisiona por entre estruturas e modelos.

6 Considerações finais

Trazendo um breve fecho às reflexões expostas neste artigo, é importante reafirmar nossa intenção de propor um debate constante sobre a ciência, o método e a metodologia. Em primeiro lugar, porque os tensionamentos são produtivos no sentido de encontrar caminhos para atualizações das questões que têm movido – e até mesmo estagnado – a ciência e a epistemologia. Em segundo lugar, porque a perspectiva das multiplicidades traz potencialidades teórico-metodológicas para as ciências sociais aplicadas – e, conseqüentemente, para a comunicação – capazes de trabalhar com a diferença e com a complexidade. Ela não é apontada como o caminho único para encontrar respostas às questões que tencionam a atualidade, até

porque isso seria contraditório, mas, como via que consegue abrir-se para formas de reflexão mais contemporâneas e em conexão com as demandas da ciência e especialmente do campo da comunicação. Em vários pesquisadores – alguns deles trazidos para esta abordagem –, têm-se encontrado posições que contribuem para esse tensionamento teórico-metodológico. Contudo, é mais propriamente em Deleuze e Guattari que vão ser encontrados os elementos delineadores das multiplicidades. Dois pontos são distinguidos nesse final: a possibilidade de ultrapassar os dualismos e as binariedades do pensamento moderno que são construtores da forma de elaborar a ciência e o mundo e, conseqüentemente, o desprezo pelas totalidades.

Referências

AGUIAR, Lisiane Machado. **Processualidades da cartografia nos usos teórico-metodológicos de pesquisas em comunicação social**. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **O Pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

BOURDIEU, Pierre. O Campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **Imanência: uma vida...** Disponível em:
<<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>
Acesso: 26 dez. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004, 3v.

_____. **O Que é filosofia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

POPPER, Karl. **Lógica da pesquisa científica**. São Paulo: EDUSP, 1985.

ROSÁRIO, Nísia Martins. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO, Nísia Martins (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em Comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

_____. Da metodologia transformadora às transformações na pesquisa. In: BARRETO, Virgínia Sá; LACERDA, Juciano de Sousa. (Org.). **Comunicação, educação e cidadania: saberes e vivências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 123-142.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Ilya; LECOURT, Dominique, et al. A Construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945: os grandes debates no interior das ciências sociais, de 1945 até o presente. In: WALLERSTEIN Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

In the philosophy of difference to the debate of multiplicities to consider the method in communication

Abstract: The main goal of the proposal is to develop an approach to views concerning science, method and methodologies in communication which build themselves under a perspective of multiplicities. From a view which permeates

Philosophy and Sociology, considering appropriation and adjustments of transdisciplinary knowledge, the debate aims to organize itself in communication through a critical thinking. Thus, the issues of the article configure themselves about the debate regarding the method concept and use in the interrelation with the reflections developed by poststructuralist thinkers, as well as seek to relate to methodological procedures due to this bias.

Keywords: Multiplicities. Methodologies. Method. Communication.

¹Desde já deixamos claro que o termo multiplicidade e seus similares usados neste artigo estão em processo de discussão e, portanto, não buscamos uma definição fechada, tampouco distinções absolutas entre os usos dos autores que auxiliam a pensar essas multiplicidades. O que se pretende é que com o desenvolvimento do artigo o termo adquira maior complexidade.

²Os termos *modelo* e *categoria* são empregados aqui seguindo as colocações de Martín-Barbero; contudo, consideramos que, em uma visão de maior abertura, que perpassa as multiplicidades, esses não são os termos mais adequados.

³As expressões *capital científico* e *campo científico* são usadas aqui de acordo com a conceituação de Bourdieu (1983). Como não são conceitos fundantes para o artigo não serão problematizados.

⁴A ordem, conforme concebida tradicionalmente, é fruto de um arranjo ao qual o olhar já está acostumado/habitado e, por isso, julga que a entende. Esse olhar, contudo, pouco vê.

⁵Para Benjamin, a composição cartográfica poderia ser composta no encontro de *imagens dialéticas*, as quais têm nelas inseridas, ao mesmo tempo, o novo e o antigo. A isso ele chama de *imagens luminosas*, capazes de trazer luz às imagens mais opacas, formando uma *constelação*.

⁶Martín-Barbero recebeu o nobre título de cartógrafo mestiço a partir do que ele considerou ser “um punhado de trabalhos soltos, esboços e intuições” (2004, p. 11) para dar conta das muitas transformações por que passaram a cultura e os campos latino-americanos da comunicação.

⁷Canclini oferece uma cartografia das culturas híbridas que emergem a partir das transformações das sociedades contemporâneas.

⁸Canevacci, ao realizar uma pesquisa sobre a cidade de São Paulo, entende a importância de unir a antropologia com a comunicação e de desenvolver diferentes instrumentais para o estudo de uma antropologia da comunicação urbana. Segundo o autor “o visual torna-se assim o centro polimórfico que deve ser interpretado e o meio de interpretação. O visual é objeto e método” (1997, p. 44). Dessa forma, para cartografar todos os signos comunicativos da cidade de São Paulo, o objeto e o método passam a ser construídos juntos como um mapa.

Recebido: 16/07/2012

Publicado: 25/07/2013